

O alcance da escrita de Lima Barreto em *Sátiras e outras subversões*

Guilherme Alves da SILVA¹

Resumo

É em *Sátiras e outras subversões*, uma compilação de textos de Lima Barreto organizada por Felipe Botelho, que se consegue investigar o potencial satírico da obra artística do autor. Essa. Dessa forma, neste artigo foca-se em “Governo maravilhoso!!!” para analisar como o conteúdo social se relaciona com a forma estética a fim de produzir um retrato fiel dos primeiros passos da democracia brasileira. Assim, por intermédio da construção do discurso das personagens, acredita-se que o texto consegue se efetivar como sátira a partir da concepção crítico-teórica de Lukács e busca dialogar com os pensamentos de Antonio Candido, Silviano Santiago, Roger Dadoun. Em contrapartida, percebe-se em “Assassinato profilático”, igualmente, a crítica ácida e ferrenha de Lima à ideologia burguesa decadente, ressaltando, porém, a extrema violência contra a mulher ligada à sua real essência: a desumanização causada pelo modo de produção capitalista em seu estágio apologético.

Palavras-chave: Lima Barreto, sátira, contexto periférico, democracia, realidade.

The scope of Lima Barreto's writing in Satires and other subversions

Abstract

It is in *Satires and other subversions*, a compilation of texts by Lima Barreto organized by Felipe Botelho, that one can investigate the satirical potential of the author's artistic work. Thus this article focuses on "Wonderful Government !!!" to analyze how the social content relates to the aesthetic form in order to produce a faithful picture of the first steps of Brazilian democracy. Therefore, through the construction of the discourse of the characters, it is believed that the text can be effective as a satire from the critical-theoretical conception of Lukács and seeks to dialogue with the thoughts of Antonio Candido, Silviano Santiago, Roger Dadoun. On the other hand, in “Prophylactic Assassination”, one can also see the acid and ferocious criticism of Lima against the decadent bourgeois ideology, but stresses the extreme violence against women linked to their real essence: the dehumanization caused by the capitalist mode of production in its apologetic stage.

Key words: Lima Barreto, satire, peripheral context, democracy, violence.

Introdução

Em uma ainda recém-formada República Federativa, Lima Barreto discute, no início do século XX, os desdobramentos da formação peculiar da democracia brasileira

¹ Guilherme Alves da Silva: mestrando do programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB), de matrícula 18/0000977. E-mail: guilhermealves.unb@gmail.com

em textos originalmente publicados em revistas, recentemente compilados pelo pesquisador e professor Felipe Botelho Corrêa na coletânea *Sátiras e outras subversões*. Dessa forma, é por intermédio da construção do discurso dos personagens de “Governo maravilhoso!!!” que se busca refletir inicialmente acerca da realização do método satírico dentro da obra de Lima Barreto. O pensamento *ultramoderno* da classe dirigente é ironizado também em “Assassinato profilático”, de modo a evidenciar, com sua acidez particular, uma problemática histórica que tende sempre a ser justificada no plano aparente: a violência social extrema da realidade imediata, mediada a partir da violência contra a mulher, que encontra suas origens nas bases do desenvolvimento histórico do país. Forma artística e conteúdo social interligam-se, por conseguinte, na relação entre os dois textos aqui analisados para tentar descortinar as contradições particulares que envolvem o desenvolvimento social brasileiro do século XIX e XX.

É pensando, por essa perspectiva, o método compositivo da sátira para Gyorgy Lukács (2011) que esse artigo tentará mostrar até que ponto a realização ficcional de Lima Barreto se coloca efetivamente como satírica, sem deixar de considerar o pensamento crítico de Antonio Candido (1989) e de Silvano Santiago (2000) acerca da estética popular da obra barretiana, essa muitas vezes, para eles, problemática. Entretanto, a hipótese é de que o autor consiga, dentro dos limites que se revelam particulares não só para ele, mas para o ambiente periférico brasileiro, concretizar uma obra efetivamente realista, que une, na situação ficcional e de modo particular revelado pela sátira, por intermédio da relação entre forma estética e conteúdo histórico-social, o fenômeno imediato à sua mais profunda essência, que se encontra diluída na vida.

É em “Governo maravilhoso!!!”² que Lima Barreto escolhe deixar os personagens no comando da narrativa. O narrador, com pouquíssimas intromissões ao início e ao final da narração, não interfere no decorrer da reunião que o então presidente da república realiza às pressas no congresso junto aos seus ministros e conselheiros. Por meio de sua própria mediação, o presidente lança perguntas que abrem brecha para que seus subordinados se expressem acerca de suas necessidades imediatas em frente a uma clara crise governamental de caráter econômico, social e político. Fica claro, desde o início, o rebaixamento que envolve todos os discursos presentes na sátira barretiana, estratégia formal que lembra a utilizada diversas vezes por Machado de Assis: as rédeas soltas dadas às personagens para que elas mesmas revelem a

² Texto originalmente publicado na revista *Careta*, n. 652, 18 dez. 1920, assinado como Jonathan, um dos pseudônimos que Lima Barreto utilizava na época.

superficialidade escondida por trás de sua retórica. O aproveitamento particular por meio de um cargo público fica evidente, por sua vez, a partir do momento em que há uma força ordenadora que se posiciona fora da situação literária, mas que, ao mesmo tempo – aqui se distanciando da estética machadiana –, não deixa de perpassar, de modo próprio, o interior das ações narradas.

A união dos membros do governo já é anunciada satiricamente no primeiro momento da narrativa, tendo em vista que eram “havidos e tidos como entendidos em finanças e outras traquibérnias políticas e administrativas” (BARRETO, 2016, p. 97). A chacota e o desdém gritantes no texto não se evidenciam somente nos momentos em que cabe ao narrador emitir de forma direta seus pensamentos, muito menos se concentram apenas nos nomes farsescos com que são chamadas as personagens, estratégias intratextuais encontradas pelo autor para aguçar a crítica proposta. De fato, se parássemos apenas nesses aspectos, comprovaríamos o que Candido afirma acerca da concepção de literatura para o autor, essa diretamente relacionada à sua vida pessoal, o que teria influenciado negativamente sua escrita literária.

Talvez porque, surgindo de um empenho pessoal tão fundo, ela [a literatura] se configurasse para ele como participação na sociedade, como militância exigente e sem complacência, opondo-se aos padrões estéticos dominantes, que, na medida em que eram oficializados, se situavam do lado dos que mandam. Outro traço básico de sua escrita é, com efeito, o desejo de oposição contra as categorias comprometidas de seu tempo – o “bonito”, o “elegante”, o “profundo” –, que rejeitava de cambulhada com o bem-feito e o bem-acabado, como quem nega a face da iniquidade na literatura e por isso quer mostrar o real desmascarado. (CANDIDO, 1989, p. 49).

A partir disso, direcionando um olhar atento à unidade estética de “Governo maravilhoso!!!”, percebe-se uma construção narrativa que imprime uma ridicularização em nível crescente, guiada pelos próprios personagens. O problema da falta de dinheiro trazido pelo ministro do Tesouro, o “homem dos ‘arames’”, revela um imbricado falseamento dos fatos: em um primeiro momento, a personagem busca convencer o presidente da necessidade de se arrecadar mais dinheiro por meio da revelação de que teve de solicitar um empréstimo a um agiota bancário. Não bastando um fato particular, a justificativa se intensifica ao ser posta a perseguição dos “credores do governo” a fim de cobrar suas contas. Mesmo sem a concretização da real necessidade do empréstimo – “quase passo pelo dissabor de não receber os meus vencimentos” (grifo meu) –, muito menos sem as devidas explicações acerca da origem dos fundos que possibilitaram a

construção da saída secreta para fugir dos credores, o presidente sente-se satisfeito com a explanação: “Há remédio”, a litografia de uma fortuna em notas de papel-moeda.

As necessidades expostas são barateadas, o que torna suas soluções simplistas e rapidamente fáceis de serem encontradas. Aqui, a pomposidade elitista revela-se em uma dupla força: por um lado, o ridículo evidencia-se como estratégia de rebaixamento dos rodeios dados para justificar ações e objetivos frívolos; por outro, a superficialidade ganha nova faceta quando até a ausência de rodeios argumentativos intensificam os objetivos vazios de sentido dos dirigentes do país:

- (...). Que me diz você, ministro dos Calhambeques?
- O dr. Jangadeiro Marítimo do Norte respondeu:
- Preciso de um arsenal completo, de quatro “*super-dreadnoughts*”, de “cruzadores-esculcas”, de “destroyers” e “submarinos” – “quantum satis”!
- Não há dúvida. Feita a emissão, que é ilimitada, no Borgonuovo, você terá os seus “brigues” e o arsenal. (BARRETO, 2016, p. 98).

Vê-se, assim, uma classe em sua relação íntima de poder, construindo a bel-prazer os caminhos tortuosos e interesseiros que norteiam o andamento da nação. O presidente, até então apenas mediando os questionamentos de seus ministros a partir de perguntas e respostas com alternativas para as faltas expostas, adquire profundidade estética ao se envolver com o discurso do ministro Simão Quarenta, que solicita a criação de mais um diretório em seu ministério. A pergunta que se segue à solicitação de Simão já desnuda, de maneira imediata, suas reais intenções: “Você tem já muitos afilhados?”. De um ser “sorridente quase à gaitice”, revela-se um capitalista de mão cheia preparado para a negociação, a partir da reserva de alguns lugares do diretório para alguns de seus primos.

Em nível mais alto de ridicularização, o desfecho do negócio suscita, estampada na cara, graças ao método compositivo, sua essência verdadeira: uma relação de troca de favores despreocupada com a efetividade dos trabalhos públicos realizados por aqueles que “encontrarão, mediante quaisquer vinte mil-réis, quem lhes faça suculentos e sábios relatórios”. A vida de aparências evidenciada pelos discursos que compõe a sátira de Lima Barreto só é perceptível à queima roupa durante a leitura devido à capacidade desse método compositivo de conseguir unir, diferentemente de outras composições literárias, a essência e a aparência dos acontecimentos cotidianos de maneira imediata.

A sátira, por esse ângulo, afastaria as mediações existentes e necessárias no romance, por exemplo, para se conseguir uma real configuração literária do mundo. Assim, a composição satírica dá tono artístico àquelas situações que, por si só, apresentam-se, na realidade imediata, potencialmente como sátiras, por transparecerem a essência de uma etapa do desenvolvimento de uma classe social em sua superfície imediata. É a partir dessa formulação teórica que se pode pensar “Governo maravilhoso!!!”, de Lima Barreto, como potencialmente satírico, pois o autor consegue captar, na realidade social sensível, aquele caso particular que encarna a unidade imediata e o contraste imediato entre essência e fenômeno, “manifestações da vida que nascem (...) sem intenção artística (...) [nas quais] a forma satírica brota como força elementar, de modo espontâneo; por isso elas podem ser consideradas como embriões ou células-mãe (..) da sátira desenvolvida e elevada à forma” (LUKÁCS, 2011, p. 173), figurando como necessário aquilo que surge apenas *por acaso* na superfície da vida.

As relações de poder dos ministros com o presidente, no texto barretiano, concretizam-se como cena literária realista, a qual carrega em sua composição a união imediata entre aparência dos fenômenos da recém-formada república brasileira e sua essência histórica verdadeira: a relação barateada e vazia que se evidencia desde os primeiros passos da nossa frágil democracia refletida nos primeiros representantes do povo no poder. Desse modo, composição estética e conteúdo histórico-social caminham, aqui, de mãos dadas, para figurar concreta e corretamente os caminhos tortuosos que trilham o nosso país. Não só a partir da proclamação da República, “Governo maravilhoso!!!” se interliga e considera toda a história de formação do nosso país, formação essa que sempre se dissociou dos anseios da massa; além de propor, como toda arte efetivamente realista, uma mirada para o futuro. A sátira, assim, propondo um olhar profundo sobre a imediatividade dos fatos, nos mostra uma saída: o rebaixamento do podre, do mecânico e do vil, elevando-se, conseqüentemente, a realidade dinamicamente viva dos homens verdadeiros.

Da mesma forma, em “Assassinato profilático”³, a imediatez das categorias que compõe a estética da sátira encontra-se presente, porém desencadeando outros efeitos. A relação entre profilaxia, termo médico comum da época, e a violência contra a mulher é posta de maneira imediata, analogia estética percebida pelo autor para transformar o potencial naturalmente satírico do fato cotidiano em escrita estética efetivamente

³ Texto originalmente publicado na revista *Careta*, n. 724, 6 maio 1922, assinado como Jonathan.

figurada como sátira. Desse modo, a “parte da medicina que tem por objetivo as precauções próprias para nos garantir contra as moléstias”, ou seja, a profilaxia, surge, não como ferramenta louvável no século XX, mas como desculpa esfarrapada para os “matadores de mulheres” praticarem seus crimes.

O que nós não poderíamos imaginar é que surgisse em cabeça de brasileiro a ideia de que o assassinato podia ser também meio profilático contra o adultério. Até agora, os “matadores de mulheres” alegavam, quase sempre sem provar, que as suas mulheres prevaricavam; agora, vem um deles e diz simplesmente que a sua mulher pretendia traí-lo, por isso matou-a quando estava dormindo. Está nos jornais de 6 do corrente mês de janeiro; é só ler. Já se viu uma dessas? Que cabeça tem esse homem que faz tal coisa? (BARRETO, 2016, p. 248-249).

A estética imediata da sátira parece se alinhar, aqui, à perspectiva subjetiva do autor. Se, para a crítica como a de Antonio Candido, o resultado da estética popular barretiana configura-se como problema por, muitas vezes, desenvolver um narrador “menos bem-realizado, sacudido entre altos e baixos, frequentemente incapaz de transformar o sentimento e a ideia em algo propriamente criativo” (CANDIDO, 1989, p. 47), em “Assassinato profilático”, ele parece casar com a própria composição artística escolhida pelo autor. Tal perspectiva crítica possui justificativa histórica, na medida em que se considera um país em situação periférica que teve sua evolução durante a história sempre, ou quase sempre, dissociada do povo, produzindo, por esse viés, uma intelectualidade alheia às massas e à sua produção ideológica. Logo, esse atrito entre a estética popular de Lima Barreto e uma literatura como a brasileira, “em que os critérios de legitimação do produto ficcional foram sempre os dados pela leitura erudita” (SANTIAGO, 2000, p. 34), às vezes, deslegitima uma obra que, em alguns casos, pode colocar-se como efetivamente realista.

A questão do gênero, aqui, parece ser relevante e um ponto crucial que une os dois textos analisados de Lima Barreto. Como expõe Lukács (2011), em *A questão da sátira*, a composição satírica coloca-se mais como método compositivo do que gênero literário, podendo concretizar-se, portanto, em um romance, em um conto, e até mesmo em um poema. Nessa perspectiva, os textos de Lima Barreto presentes em *Sátira e outras subversões* aparecem como desafio quanto ao gênero ao qual pertencem. Enquanto uns casariam mais com breves comentários críticos, ou até mesmo enquanto crônicas rápidas, ácidas e humorísticas, outros aparentam se constituir como textos estéticos complexos, à medida que desenvolvem em seu interior uma composição

narrativa e literária específica. No caso de “Governo maravilhoso!!!”, sua composição formal realiza-se de maneira planejada, a partir das próprias estratégias literárias conhecidas pelo autor. Assim, esse texto parece caminhar mais em direção ao conto, à narrativa com estrutura de ficção, como expõe Antonio Candido (2003) ao tratar da crônica em *A vida ao rés-do-chão*. Em contrapartida, “Assassinato profilático” parece desembocar na crônica mais descontraída. Com linguagem cotidiana e fácil, aborda uma temática densa e pesada, como se trouxesse para perto de nós, por meio da leveza do gênero, a dimensão grave do tema. A composição satírica, aqui, sublinha e se adequa a essas questões genéricas, efetivando-se, à sua forma, como estética mais adequada para o conteúdo refletido.

Em sua composição “aparentemente solta”, “Assassinato profilático” consegue carregar consigo a linguagem natural à qual faz referência Antonio Candido, sem deixar de ir fundo nas contradições mais íntimas da vida. “Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma” (CANDIDO, 2003, p. 89). A violência doméstica é tratada, portanto, em toda sua totalidade como consequência histórica das forças motrizes do processo socioeconômico do homem, como fenômeno aparente ligado à sua verdadeira essência, desmascarando, sempre satiricamente, a desfaçatez do termo “profilaxia do adultério”. É, assim, no seu “ar despreocupado”, que “entra fundo no significado dos atos e sentimentos do homem” e revela as íntimas contradições que perpassam a vida.

Por isso, é em “Governo Maravilhoso!!!” e em “Assassinato profilático” que a competência artística do autor consegue superar sua condição social desfavorável. Se no primeiro a elite é figurada em toda sua superficialidade, no segundo texto, a motivação também provém da realidade. Entretanto, apesar de o autor também perceber e figurar esse fato satírico por si só, o incômodo e o desconforto ressaltam e se sobrepõem ao cômico e ao irônico dentro da narrativa. A violência contra a mulher, retratada no segundo texto, aparece como fenômeno sensível do sistema atual, como uma faceta do estado de exceção dentro das sociedades atuais. Assim como João Camillo Penna defende em *Estado de exceção: um novo paradigma da política?*, “grandes segmentos da população brasileira vivem hoje em dia sob um estado de sítio branco, por debaixo da cobertura de um suposto estado de direito” (PENNA, 2007, p. 180). Dessa forma, a mulher pode ser pensada como um ser vivente que experimenta e sofre os efeitos da biopolítica na contemporaneidade do autor, a partir do momento

em que seus direitos são cessados dentro de uma atmosfera sociocultural ainda muito patriarcal, em uma espécie de estado de exceção permanente.

Como paralelo agregador para a discussão, a violência que assola a condição humana da mulher pode ser associada, na escravidão em contexto colonial, à condição do negro, que é figurado como uma “sombra personificada”, segundo Achille Mbembe (2016). Apesar de não perder o “lar” nem o status político *a priori*, como o negro, a mulher perde os direitos sobre seu corpo, na medida em que sua vida torna-se instrumento dominado pelo homem, que possui a falsa sensação de que a pode possuir como uma *coisa* e chegar ao grau extremo de decisão soberana sobre um corpo: definir quando este vive ou morre. Lima Barreto capta essa contradição que envolve a relação de gênero em sua época, “De modo que uma dama casada só porque olha mais para um cavalheiro está arriscada a ser esfaqueada ou servir de alvo dos tiros do revólver furibundo do marido, e isto em nome da... profilaxia do adultério.” (BARRETO, 2016, p. 249). É, assim, figurado satiricamente no texto o ato extremo de violência contra a mulher – o assassinato –, descortinando, em sua própria estruturação, sua íntima contradição: a impossibilidade de conciliação entre sujeito e sociedade no estágio social de desenvolvimento capitalista apologético. Como afirma Roger Dadoun acerca da violência,

Arrancando o homem, pela sua *humanização*, a um terror originário, hipotético, a violência destapa-se, ao longo da história, com práticas muito reais de extermínio, revelando-se num processo assustador de *desumanização*. Nas orquestrações de furor e de apocalipse que conduz, a violência dispõe de um instrumento privilegiado, com uma eficácia temível: o *Poder* (...). Somos, de início, atingidos pela proximidade existente entre poder e violência: sempre, e de qualquer forma, o poder afronta e utiliza a violência e esta, por sua vez, exprime uma certa forma de poder. (DADOUN, 1998, p. 65).

O autor, portanto, nos convida a olhar a violência sob outro prisma: o da forma, o da arte, passando assim do *campo de forças* percorrido até aqui, para um *campo de formas*, sugerido como prova final. Como toda a arte é atividade constitutiva da realidade humana, ela funcionaria como forma de recuperação da humanidade do homem, por intermédio da representação da totalidade da vida, na qual o ser humano consegue se identificar enquanto homem. Lima Barreto aceita o convite de Roger Dadoun e realiza, em “Assassinato profilático”, uma figuração artística da violência, porém de maneira satírica. Rompendo as modalidades mais comuns do discurso, a sátira subverte a

manipulação erudita das formas estéticas na arte e desconstrói o “pernóstico e cínico” falatório dos agentes agressores da mulher. É na própria sátira que o discurso machista – “defendi minha honra e lavei provavelmente a da sociedade que ia ser vilipendiada” – se esgota e se revela como sátira, sem a menor credibilidade e consideração, a partir do rebaixamento e da ridicularização que o invalida.

Ao elevar à necessidade um fato da vida, que se coloca como potencialmente satírico apenas *por acaso*, Lima Barreto consegue dar *status* literário ao seu texto. O discurso e a ação dos “matadores de mulheres”, como fenômenos sensíveis, são atrelados, de modo imediato, à sua essência. Nessa medida, os ciumentos da natureza de Otelo, sendo legião no Brasil, são colocados em face às suas raízes históricas de formação e desenvolvimento do país pelo método criador, capaz de trazer à superfície a corrupção e a manipulação decorrente de uma ideologia machista que perpassa também a justiça federativa do país, colocada em xeque ao fim da sátira barretiana. A não conciliação com a realidade provocada pela sátira evidencia, no final da leitura, a incapacidade da vida cotidiana e imediata de fornecer uma humanização ao sujeito, esta encontrada, por sua vez, na arte, na qual há expressada a totalidade unitária da vida em sua unidade contraditória.

Colocando o princípio da *humanitas* no centro da estética, como buscavam Marx e Engels ao proporem os princípios fundamentais para uma estética marxista (LUKÁCS, 2010), acredita-se que Lima Barreto consiga fornecer grandeza artística às suas sátiras “Governo maravilhoso!!!” e “Assassinato profilático”. Em uma recém-formada República, o autor preocupa-se com a integridade humana ao revelar de forma ácida, por um lado, o jogo de interesses da elite dirigente do país, o que não vem sem gaiatice e desfaçatez, e a crueldade e o descrédito, por outro, dos atos e discursos violentos de sua contemporaneidade a partir da violência contra a mulher, ou, como chama o autor, da profilaxia do adultério. Forma satírica e conteúdo social brasileiro unem-se na obra artística de Lima Barreto para expor os alcances de sua escrita e, assim, propor reflexões mais profundas acerca da realidade do país.

Referências Bibliográficas

BARRETO, L. (2016). *Sátiras e outras subversões*. Organização de Felipe Botelho Corrêa. 1. ed. São Paulo, Brasil: Penguin Classics Companhia das Letras.

- CANDIDO, A. (2003). "A vida ao rés-do-chão". *In: Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5. São Paulo, Brasil: Ática. pp. 89-99.
- CANDIDO, A. (1989). Os olhos, a barca e o espelho. *In: _____*. A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo, Brasil: Ática.
- DADOUN, R. (1998). A violência. Ensaio sobre o "Homo violens. Mira-Sintra: Publicações Europa-América.
- LUKÁCS, G. (2011). A questão da sátira. *In: _____*. Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- _____ (2010). Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. *In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich*. Cultura, arte e literatura: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular. p. 11-38.
- MBEMBE, A. (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151,.
- PENNA, J. C. (2007). Estado de exceção: um novo paradigma da política?. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 29, p. 179-204., jan.-jun.
- SANTIAGO, S. (2000). Uma ferroada no peito do pé. *In: _____*. Triste fim de Policarpo Quaresma. Lima Barreto. Edição crítica. São Paulo: ALCCA XX/Scipione Cultural. p. 530-544.